

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA

J

BOLETIM  
DE  
ARCHITECTURA E ARCHEOLOGIA  
DA  
REAL ASSOCIAÇÃO  
DOS  
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

---

TOMO IX - 4.<sup>a</sup> SÉRIE - N.º 3

ANNO 1901

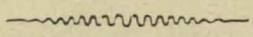


LISBOA

Typ. Lallemand

R. Antonio Maria Cardoso, 6

REAL ASSOCIAÇÃO  
 DOS  
 ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES



Sessão de Assembléa Geral em 4 de Maio de 1901.

Presidencia do Ex.<sup>mº</sup> Sr. General Pimentel Maldonado,  
 vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.<sup>mº</sup> Sr. Mena Junior.

Compareceram os seguintes socios: Ex.<sup>mos</sup> Srs. Rosendo  
 Carvalheira, Gabriel Pereira, Ascensão Valdez, O'Sulivand, Au-  
 gusto Ribeiro, Guilherme João Carlos Henriques, Silva Leal,  
 Jesuino Ganhado, Manuel Joaquim de Campos, e Cavalleiro e  
 Sousa.

Abriu-se a sessão ás 9 horas da noite.

Foi lida e approvada sem discussão a acta da sessão ante-  
 rior (9 de março).

Officios :

Do sr. Ernesto da Silva. mostrando-se summamente penho-  
 rado pela fórma como a Assembléa Geral apreciou os seus traba-  
 lhos de thesoureiro no anno findo ;

De Mr. Maurice Prou, professor da Escola diplomatica de  
 Paris, e do sr. D. Pelegrin Casales y Gramatxes, da «Associacion  
 Artistico - Arqueológica Barcelonesa», agradecendo a sua eleição  
 para socios correspondentes.

O sr. Augusto Ribeiro mandou para a mesa a seguinte proposta :

«Proponho que se consigne na acta da sessão de hoje um voto pelo restabelecimento do Presidente d'esta Real Associação o sr. Conde de S. Januario, e que o sr. Vice-Presidente se digne transmittil-o telegraphicamente a S. Ex.»

Approvada por aclamação, depois de ter dito o sr. Maldonado que no domingo anterior fôra a Paço d'Arcos, em nome da Associação, visitar o nosso estimado Presidente.

Tambem por aclamação foi approvada a seguinte proposta :

Senhores : — Em periodo da mais assignalada actividade, sob a influencia prestigiosa do seu venerando fundador, cuidou esta Real Associação de prestar homenagem áquelles dos seus socios que pelos seus merecimentos, pelos seus estudos e pelos seus serviços, se haviam tornado benemeritos da Instituição que, tratando principalmente do estudo da archeologia portugueza e da conservação dos monumentos nacionaes, tinha, como ainda hoje tem, a mais elevada missão patriótica que a uma collectividade social pode ser commettida.

Amortecido, mas não extinto, felizmente, o entusiastico ardor d'esse periodo, a Real Associação, perdendo alguns dos seus dedicados cooperadores, conservou-se por bastante tempo menos activa, embora sem se fazer esquecida, nem deixar de trabalhar, graças ao zelo devotadissimo de alguns dos seus membros, que tomaram a peito não deixar extinguir perante as aras sagradas d'este monumento nacional o grande culto da patria portugueza. Benemeritos foram e benemeritos são esses fieis e dedicados mantenedores do nome e da gloria da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

E porque foram e são benemeritos é que eu entendo que a Real Associação lhes deve uma publica e solemne homenagem de reconhecimento. Para começar a pagar esta divida, é que tenho a honra de iniciar a renovação das nossas antigas consagrações, propondo a esta assembléa geral que apoie e vote que ao nosso erudito consocio, illustre escriptor e incansavel investigador o sr. dr. Sousa Viterbo seja conferida a medalha de honra (prata) destinada a galardoar serviços relevantes á instituição, ás sciencias e á patria.

E' larga e brilhante a bibliographia archeologica e historica do dr. Sousa Viterbo. Com paciente solicitude, em quanto lh'o permittiu a saude, embora quasi sempre precaria, o dr. Sousa Viterbo, investigador apaixonado, não abandonava os archivos publicos; apurando factos, inquirindo successos, decifrando e copiando documentos, colligindo memorias, aclarando genealogias, reavivando tradições, de modo a poder, com verdadeira consciencia, contribuir — e larga e efficazmente o fez — para o augmento dos subsidios para os estudos da archeologia, da historia, da arte e da litteratura portugueza.

Ainda hoje, doente, detido no seu gabinete de estudo por um soffrimento doloroso e irritante, o dr. Sousa Viterbo continua, com o mesmo amor e com a mesma devoção, os seus doutos trabalhos historicos, preparando novas monographias que virão, de certo, accrescentar novos valores á bibliographia archeologica e historica de Portugal. É justo é, pois, meus senhores, que a Real Associação que tem tido no dr. Sousa Viterbo um dos seus mais illustres collaboradores, lhe dê solemne testemunho de consideração e de apreço pelo seu longo, indefesso e brilhante trabalho. Se elle não pode vir aqui elucidar-nos com o seu conselho e auxiliar-nos com a sua erudição, tão vasta e tão completa, vá até elle a homenagem da nossa admiração e do nosso reconhecimento. E essa será, por sem duvida, uma das maiores consolações espirituaes da sua e da nossa existencia.

Sala das sessões em 4 de maio de 1901.

(a) *Augusto Ribeiro* »

Antes de se votar a precedente proposta usaram da palavra, associando-se á idéa de se prestar a referida homenagem, os srs. Guilherme Henriques, e Cavalleiro e Sousa.

O sr. Augusto Ribeiro disse que offerecia á Associação a medalha de prata destinada ao sr. dr. Sousa Viterbo.

A Assembléa agradeceu este generoso offerecimento, mas pediu licença para não o acceitar, querendo assim que a homenagem seja unica e exclusivamente da Associação.

Sobre este assumpto fizeram breves considerações os srs. Silva

Leal e Soares O'Sulivand, que enunciou uma proposta para que a mesa e o proponente sr. Augusto Ribeiro fossem incumbidos de procurarem o sr. dr. Viterbo e entregar-lhe a medalha, visto que o estado de saude de S. Ex.<sup>a</sup> não lhe permite comparecer n'esta Associação.

O sr. Cavalleiro e Sousa propoz que a entrega da medalha fosse precedida de uma sessão solemne.

A'cerca d'estas duas propostas fallaram os srs. Guilherme Henriques e Augusto Ribeiro, concluindo-se pela unanime approvação d'ellas.

Approvaram-se propostas para serem admittidos a socios effectivos os srs. :

Conselheiro Julio Marques de Vilhena, conselheiro d'estado, ministro honorario, e par do reino, muito competente em assumptos historicos e auctor do notavel trabalho *Introdução aos estudos de archeologia prehistorica* ;

Conselheiro José Navarro de Paiva Pereira d'Andrade, antigo inspector da fazenda no Estado da India, muito dedicado á archeologia e á historia portugueza, e fundador na velha e historica cidade de Goa de um museu lapidar e de um museu d'arte ornamental, conseguindo reunir no primeiro uma importante collecção de reliquias archeologicas e conservando no segundo, em uma bella installação, grande numero de preciosidades artisticas e historicas ;

João Feliciano Marques Pereira, primeiro official do Ministerio da marinha e ultramar, distincto pelos seus estudos sobre a archeologia e a historia, principalmente sobre o Oriente, e em especial pelo valioso trabalho condensado na revista orientalista *Ta - Ssi — Yang - Kuo* ;

Joaquim Maria da Costa Macedo, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra e primeiro secretario de legação em serviço no Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Foram admittidos a socios correspondentes os srs. :

Duque Amadeu Astraudo, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Dominicana, junto da Santa Sé ;

Conde de Montalbo, conselheiro da referida legação ;

Conde Amadeu Galati di Riella ;

Louis de Sarran d'Allard, director da « Revue du monde latin » .

Os tres primeiros são auctores do «*Dizionario bibliografico iconografico della Republica de San Marino*» (1 volume illustrado) e o ultimo escreveu «*Le centenaire de Garrett — Le vicomte d'Almeida Garrett et les Romantiques Français*»; «*Le centenaire de Castilho — Le vicomte de Castilho et les écrivains français*»; «*A la mémoire de Pinheiro Chagas. Les Portugais á l'Exposition de 1889.*»

Todas estas publicações dos socios correspondentes foram offerecidas á bibliotheca da nossa Associação.

Leu-se na mesa um officio do sr. Visconde da Torre da Murta, participando que por justo motivo não podia assistir a esta sessão, e propondo que se dirija ao Governo uma representação identica á do Gremio Artistico para que o Estado adquira o palacio Foz e n'elle funde um Museu d'Arte.

O sr. Rosendo Carvalheira expoz varias considerações sobre esta proposta e sobre a necessidade de se estabelecerem disposições legislativas tendentes a evitar quanto possivel que do paiz saiam objectos antigos de valor artistico.

A Assembléa resolveu enviar a proposta ao Conselho Facultativo para dar parecer, ouvidas as secções de archeologia e architectura.

O sr. Cavalleiro e Sousa justificou a sua falta á sessão anterior e disse que, se estivesse então presente, quando foi approvada a proposta do sr. A. Bermudes relativamente a uma manifestação em honra do sr. dr. Sousa Viterbo, ter lhe-hia dado o seu apoio.

O sr. Rosendo Carvalheira participou, com referencia áquella proposta, que não estava ainda concluida, mas brevemente o estaria, a encadernação do volume do *Diccionario dos Architectos* que esta Associação deliberou offerecer ao sr. dr. Sousa Viterbo, e que a casa Ferin tem posto o maior esmero na execução d'esse trabalho que é de véras primoroso e digno de exhibir-se na proxima exposição da Sociedade Nacional de Bellas - Artes.

O sr. Jesuino Ganhado disse que o sr. David Duarte Silva offerecêra para o nosso Museu varios azulejos e uma candeia mourisca, objectos que foram encontrados nas excavações feitas em Lisboa, no largo da Saude, por traz do Passo.

Mandou-se agradecer.

E não havendo mais de que tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram quasi 11 horas da noite.

O Secretario  
*Eduardo A. da Rocha Dias*

Sessão de Assembléa Geral em 1 de Junho de 1901.

Presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. General Pimentel Maldonado, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mena Junior.

Abertura ás 3 e meia horas da tarde, achando-se presentes os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Conselheiro Julio de Vilhena, Francisco Simões Margiochi, Visconde da Torre da Murta, engenheiro Mendes Guerreiro, Liberato Telles, Jesuino Ganhado, Leopoldo Mauritty, Ernesto da Silva, Ascensão Valdez, Commendador Guilherme João Carlos Henriques, Cavalleiro e Sousa, Manuel Joaquim de Campos e General Bon de Sousa.

Leram-se na mesa officios dos socios os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Visconde de Castilho, Augusto Ribeiro, dr. Rodrigo Velloso, Abel Botelho, Bernardino José de Carvalho e João Feliciano Marques Pereira, sentindo o golpe que esta Associação acabava de soffrer com a morte do nosso illustre Presidente o sr. Conde de S. Januario, em 27 de Maio.

Leu-se igualmente uma communicação do dr. Joaquim Maria da Costa Macedo, agradecendo a sua admissão a socio effectivo.

O sr. Presidente, referindo-se com doloridas phrases ao passamento do sr. Conde de S. Januario, disse que concedia a palavra aos socios que desejassem exprimir o seu pezar por esta enorme perda para a nossa Associação.

O sr. Visconde da Torre da Murta justificou a ausencia do sr. dr. Joaquim da Costa Macedo e declarou que, como portuguez e amigo do fallecido, se associava incondicionalmente a todas as homenagens que fossem prestadas á sua memoria saudosissima.

O sr. Conselheiro Julio de Vilhena, agradecendo o ter sido eleito socio d'esta aggremação, prometteu acompanhar quanto pudesse os seus trabalhos assim como empregar as diligencias ao seu alcance para que ella prospere; e disse que tomaria parte em todas as manifestações de condolencia que a Associação pretendesse fazer em homenagem ao illustre extincto.

Foi lida na mesa e approvada por aclamação uma proposta do socio sr. Cavalleiro e Sousa para se cobrirem de crepes a cadeira presidencial e o retrato do sr. Conde de S. Januario, e consignar-se na acta um voto de doloroso sentimento pela sua morte, enviando-se á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Condessa uma copia da mesma acta.

O sr. Presidente incumbiu-se de ir dar os pezames á Ex.<sup>ma</sup> Viuva, em nome d'esta Real Associação.

O sr. Mendes Guerreiro propoz e a Assembléa approvou unanimemente que se realisasse uma sessão solemne commemorativa dos grandes serviços prestados á nossa Associação pelo sr. Conde de S. Januario, cujo elogio historico deve ser lido nessa occasião pelo socio que a mesa tiver convidado para tal fim.

O sr. Francisco Simões Margiochi poz em relevo os altos meritos e brilhantes qualidades que exornavam o caracter do sr. Conde de S. Januario.

Sob proposta do sr. Pimentel Maldonado resolveu-se, depois de breves reflexões dos srs. Mendes Guerreiro e Julio de Vilhena, que, no 30.<sup>o</sup> dia do fallecimento do nosso saudoso Presidente, a Associação mandasse celebrar uma missa de suffragio, convidando para esse acto religioso todos os associados.

Seguidamente, em signal de sentimento, encerrou-se a sessão.  
Eram 4 horas da tarde.

O Secretario

*Eduardo A. da Rocha Dias*



Sessão de Assembléa Geral em 21 de Setembro de 1901.

Presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Roçendo Carvalheira, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mena Junior.

Abriu-se a sessão ás 8 e meia horas da noite, achando-se presentes os Ex.<sup>mos</sup> Socios Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Jesuino Ganhado, Ascensão Valdez, Leopoldo B. Mauritty, Rodrigues Fernandes e Soares O'Sulivand.

Approvadas as actas das sessões de 4 de Maio e 1 de Junho.

Correspondencia :

Agradecimento da sr.<sup>a</sup> condessa de S. Januario pelas manifestações de pesar que d'esta associação recebeu por occasião do fallecimento do illustre presidente o sr. conde de S. Januario ;

Comunicações dos srs. José Navarro de Paiva Pereira de Andrade, socio effectivo, Barreiros Callado, socio correspondente em Porto de Moz, Adães Bermudes, socio effectivo, e José Teixeira Lopes, socio correspondente no Porto, sentindo tão deploravel perda. Neste mesmo sentido se receberam officios da Direcção da Sociedade Nacional de Bellas Artes e da Associação dos Conductores de Obras Publicas ;

Officio do socio effectivo monsenhor Alfredo Elviro dos Santos acompanhando o modelo em gesso do projecto do viaducto da rua de S. Sebastião da Pedreira desta capital, o qual foi delineado e executado pelo distincto conductor principal de obras publicas em commissão na Camara Municipal de Lisboa, sr. Henrique Sabino dos Santos ;

Agradecimento do socio honorario sr. dr. Sousa Viterbo pelo voto de sentimento que se resolveu lavrar na acta pouco depois da morte de seu pae ;

Officios do sr. Gabriel Pereira, conservador do Museu e presidente da secção de archeologia, remettendo o parecer desta secção favoravel ao pedido da commissão executiva do 4.<sup>o</sup> centenario de Damião de Góes ; e propondo que se offerecessem á Camara Municipal de Lisboa as salas do nosso Museu para exposição dos objectos não só recentemente descobertos nas obras de excavação no Rocio, como de outros quaesquer que mereçam ser conhecidos do publico e ainda outros que de futuro appareçam em qualquer obra municipal ;

Officio dos srs. Conde Amadeu Galati di Riella, de Palermo, e conde de Montalbo, de Roma, agradecendo a sua eleição para socios correspondentes.

Protesto da Direcção da Sociedade Nacional de Bellas-Artes de Lisboa, concernente á nomeação de um estrangeiro para elaborar o projecto de restauração da Sé de Lisboa ;

Officios dos srs. visconde da Torre da Murta, Ernesto da Silva, Cavalleiro e Sousa, e Marques Pereira, justificando a sua falta á sessão.

Egualmente o sr. Presidente justificou a ausencia do sr. vice presidente, general Pimentel Maldonado, nos mezes de setembro e outubro.

O sr. Presidente disse que, em desempenho da commissão que lhe fôra incumbida e ao sr. Adães Bermudes na sessão de 13 de maio ultimo, entregára pessoalmente ao sr. dr. Sousa Viterbo um exemplar do *Diccionario dos Architectos* encadernado a primor ; e que S. Ex.<sup>a</sup> agradecêra com muito reconhecimento esta offerta da Real Associação.

O mesmo sr. Presidente agradeceu a Monsenhor Elviro dos Santos a reproducção do projecto de viaducto com que se dignára brindar o nosso Museu ; proferiu algumas palavras enaltecendo calorosamente os meritos artisticos e qualidades pessoases do sr. Henrique Sabino dos Santos, auctor d'aquelle projecto ; e propoz que se dirigisse a este cavalheiro um officio de congratulação pela sua notabilissima obra que póde servir de instrucção a nacionaes e constitue um bello specimen de engenharia, digno de ser admirado por estrangeiros, sobretudo na epocha actual em que as construcções de ferro vão substituindo as de pedra como aquella é.

O sr. Jesuino Ganhado disse que o sr. Sabino dos Santos apresentára á Camara Municipal de Lisboa um relatorio muito interessante ácerca do seu trabalho.

Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, patenteando a sua gratidão pelas expressões de que o sr. Presidente usára a seu respeito assim como a respeito do auctor do projecto, que é seu irmão, informou que o relatorio seria publicado, apezar de não existir já na Camara Municipal.

O sr. Presidente declarou que as columnas do nosso *Boletim* estavam á disposição de S. Ex.<sup>a</sup> para esse fim.

O sr. Rodrigues Fernandes disse que tinha já pedido ao sr. Sabino dos Santos que publicasse o mencionado relatório no jornal da Associação dos conductores de obras publicas.

Approvou-se por unanimidade a proposta do sr. Presidente.

Foram admittidos: a socio effectivo o sr. Victor Maximiano Ribeiro, diplomado com os cursos de conductor de obras publicas e minas e superior do commercio, e auctor do livro *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, que está sendo impresso por ordem da Academia Real das Sciencias; e a socio correspondente o sr. D. Mariano Muro Lopez Salgado, primeiro official do corpo facultativo de archivistas, bibliothecarios e antiquarios de Madrid.

O sr. Presidente, historiando as diligencias por esta Associação empregadas não só recentemente, mas desde longo tempo, para rehavér a servidão do terreno do adro da egreja do Carmo pela porta lateral sul, disse que o nosso direito a essa servidão estava reconhecido pelo gerente da empresa do ascensor Oiro-Carmo, o sr. dr. Almeida, e que apenas surgia uma difficuldade quanto á acceitação ou recusa do pequeno espaço de terreno que nos era concedido para estabelecermos a comunicação pela indicada porta. Sobre este assumpto consultou a assembléa.

Usaram da palavra os srs. Valdez, Presidente, Ganhado e Elviro dos Santos, entendendo todos que o limite do terreno, a que se referira o sr. Presidente, era demasiado curto. A final, sob proposta de mosenhor Elviro dos Santos, foi approvedo que se consignasse na acta um voto de louvor ao sr. Rosendo Carvalho pelo modo intelligente e criterioso por que sabe defender os interesses da Associação, que no presente caso são também os do Estado, por isso que a este pertence o edificio em que estamos funcçãoando, e resolveu-se considerar subsistente para todos os effeitos de conclusão do negocio com a empresa Oiro-Carmo, ou qualquer outra que possa substituil-a, a procuração dada ao sr. Carvalho na sessão de 4 de Fevereiro d'este anno.

O sr. Presidente referiu-se ao dismantelamento dos pelourinhos de Villa Franca de Xira e de Alverca, sentindo que não se tivessem respeitado esses venerandos padrões dos fóros municipaes.

Mosenhor Elviro dos Santos propoz que, no caso de não ser possivel restabelecer esses pelourinhos, fossem os restos d'elles requisitados para o nosso Museu.

O sr. Presidente lembrou a conveniencia de se officiar á Camara Municipal de Villa Franca de Xira, pedindo-lhe esclarecimentos ácerca dos pelourinhos em questão — se se encontram em condições de serem repostos, se a Camara pôde custear essa despeza, se ha estampas ou photographias que os representem, e, em ultimo caso, quando nem a Camara nem o Governo os mandem reerigir, se a Camara auctorisa que os restos d'esses monumentos sejam recolhidos no Museu do Carmo.

A assembléa deu a sua approvação a esta proposta.

E como não houvesse outro assumpto a tratar, encerrou-se a sessão, ás dez e meia horas da noite.

O Secretario

*Eduardo A. da Rocha Dias*

---

Sessão de Assembléa Geral em 17 de Novembro de 1901.

A's duas horas da tarde, o secretario Rocha Dias participou que o sr. Vice-presidente general Pimentel Maldonado lhe communicára que não podia comparecer e que o sr. vice-presidente architecto, Rosendo Carvalheira, fizera egual comunicação, dirigida ao secretario sr. Mena Junior; portanto, propunha que, para assumir a presidencia d'esta sessão, fosse convidado o Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Verissimo Mendes Guerreiro, presidente da secção de architectura. Teve approvação unanime esta proposta. Em seguida occupou o lugar de presidente o sr. Mendes Guerreiro, e abriu a sessão, proferindo algumas palavras de agradecimento pela manifestação da Assembléa, que se compunha dos seguintes socios, alem dos que ficam indicados: Victor Ribeiro, Jesuino Ganhado, Ernesto Maia, Ascensão Valdez, Liberato Telles, Gabriel Pereira, Manuel Joaquim de Campos, Leopoldo Mauritty, Rodrigues Fernandes, Augusto Ribeiro, Visconde da Torre da Murta, Cavalleiro e Sousa, Ernesto da Silva, José Queiroz, Soares O'Sulivand, dr. Leite de Vasconcellos, e o socio correspondente Eduardo Raposo.

Foi lida e approvada sem reclamação a acta da sessão antecedente.

Deu-se conta da correspondencia :

Participação do socio effectivo sr. Conselheiro Adolpho Loureiro de que, por continuar incommodado de saude, tinha que faltar á sessão.

Officio do director do Museu Municipal de Bragança sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, apresentando o seu pedido para que esta Associação promova que seja considerado nacional, reparado e conservado um monumento existente na cidadella de Bragança, junto á parede sul da igreja matriz: é o monumento conhecido pelo nome de *Antiga Casa da Camara*, um exemplar classico do chamado «romanico secundario» que precedeu e inspirou a ogiva.

A' secção de archeologia para dar parecer.

Outro do sr. Luciano Lallemand offerecendo cinco photographias do Museu do Carmo.

Mandou-se agradecer.

Outro do sr. Engenio Francisco Xavier dos Santos Remedios, architecto e engenheiro civil em Hong-Kong, offerecendo um mappa geral dos *gudões* ou *armazens depositos* de mercadorias na margem fronteira do porto daquella colonia, onde se está desenvolvendo progressivamente a já importante povoação de Kaulung ou Kowloon. Em 1860 o territorio ali adquirido pela Inglaterra era sómente de quatro milhas quadradas e agora é de 376 milhas, sendo 286 no mar e 90 em terra firme, por virtude da concessão feita pela China em 1898.

Resolveu-se agradecer, depois de submettido ao exame do Conselho Facultativo o mencionado officio.

Pelo sr. Rosendo Carvalheira foi remettida para a bibliotheca uma interessante obra: *Paris — Monuments élevés par la ville* (1850-1880), publicação feita sob a protecção da cidade de Paris por Felix Narjoux, architecto da mesma cidade. Contém a descripção e plantas dos edificios sanitarios.

Mandou-se agradecer.

Foi admittido a socio correspondente o sr. Albino dos Santos Pereira Lopo, director do Museu de Bragança e auctor do livro *Bemquerença* (Archeologia de Bragança) e de varios trabalhos publicados no *Archeologo Português*.

O sr. Victor Ribeiro agradeceu a sua admissão a socio effectivo.

O sr. Visconde da Torre da Murta apresentou varias publicações offerecidas pelos seus auctores os srs. Augusto Ribeiro e Visconde de Poli.

Consignaram-se agradecimentos por estas offeras.

O sr. Presidente convidou a Assembléa a formular as suas listas para a eleição dos corpos gerentes no anno de 1902 e interrompeu a sessão por alguns minutos. Reaberta a sessão, fez-se a chamada. Votaram 20 socios, incluindo o sr. Rosendo Carvalho, que para este fim enviára procuração ao sr. Mena Junior. Serviram de escrutinadores os srs. Rodrigues Fernandes e Victor Ribeiro.

Foram eleitos :

Presidente da Mesa, sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, por 20 votos ;

Vice-Presidente Architecto, sr. Rosendo Garcia de Araujo Carvalho, 19 ;

Vice-Presidente Archeologo, sr. General Antonio Pimentel Maldonado, 17 ;

Secretario da Architectura, sr. Antonio Cesar Mena Junior, 15 ;

Secretario da Archeologia, Eduardo Augusto da Rocha Dias, 19 ;

Vice-Secretario da Architectura, sr. Arnaldo Redondo Adães Bermudes, 14 ;

Vice-Secretario da Archeologia, sr. Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa, 15 ;

Thesoureiro, sr. Ernesto da Silva, 18 ;

Conservador da Bibliotheca, sr. Visconde da Torre da Murta, 19 ;

Conservadores do Museu, srs. Gabriel Pereira, 19 ; Francisco Soares O'Sulivand, 16 ;

Conservadores adjuntos, srs. Antonio Cesar Mena Junior, 16 ; Jesuino Arthur Ganhado, 17 ;

Tiveram votos para vice-presidente da archeologia, srs. Gabriel Pereira, 2 ; Conselheiro Julio Marques de Vilhena, 1 ; secretario da architectura, sr. Francisco Carlos Parente, 5 ; secretario da archeologia sr. Sebastião da Silva Leal, 1 ; vice-secretario da architectura srs Antonio Cesar Mena Junior,

3; João Rodrigues Fernandes, 1; Silva Leal, 1; vice-secretario da archeologia, srs. Victor Maximiano Ribeiro, 3; João Rodrigues Fernandes, 1; thesoureiro, Silva Leal, 1; Conservador da bibliotheca, José Joaquim d'Ascensão Valdez, 1; Conservadores do Museu, srs. Manuel Joaquim de Campos, 2; dr. José Leite de Vasconcellos, 1; Antonio Cesar Mena Junior, 1; Conservadores adjuntos, srs. Victor Ribeiro, 3; Ascensão Valdez, 2; Rodrigues Fernandes, 1; Sebastião da Silva Leal, 1.

O sr. Francisco Soares O'Sulivand disse que, em virtude do artigo 15.º dos Estatutos, não podia ser proclamado eleito secretario da architectura o sr. Mena Junior, visto não possuir diploma de architecto como possui o socio que lhe ficou immediato em votos, o sr. Francisco Carlos Parente. Fazia esta observação sem intuito algum de depreciar os meritos do sr. Mena.

O sr. Presidente declarou que, tendo sido director dos edificios publicos e actualmente seu inspector, pôde dar testemunho de que o sr. Mena desempenha, ha muitos annos, no Ministerio das Obras Publicas o serviço de architecto, embora não seja esta a sua classificação no quadro; e não se tornando preciso mencionar todas, basta dizer que dirigiu as obras realisadas na igreja de S. Roque, a respeito das quaes publicou uma memoria muito apreciavel. Entretanto julga do seu dever consultar a assembléa sobre se o sr. Mena Junior pôde ou não ser considerado no gremio d'esta Associação como socio architecto.

A Assembléa resolveu affirmativamente, por grande maioria, confirmando assim a eleição do sr. Mena Junior para o cargo de secretario architecto.

Foram votados por aclamação os socios que devem compor as tres secções de Architectura, Archeologia e Construcção, as quaes em janeiro proximo hão de eleger os seus representantes no Conselho Facultativo.

O sr. Liberato Telles, participando, em phrases sentidas, o fallecimento do distinctissimo architecto do Ministerio das obras publicas, sr. Domingos Parente da Silva, que foi socio d'esta Associação, e era o pae do nosso estimado collega o sr. Francisco Carlos Parente, propoz que se exarasse na acta da sessão um voto de profundo sentimento pela grande perda de tão prestante funcionario technico.

A assembléa approvou por unanimidade esta proposta.

O sr. Presidente enalteceu a memoria do illustre extinto e propoz que fosse nomeada uma deputação, composta dos srs. Liberato Telles, Ernesto da Silva, Rodrigues Fernandes e Mena Junior, para representar a Associação no acto do funeral.

Assim se resolveu.

Logo depois foi encerrada a sessão.

Eram quasi quatro horas da tarde.

O Secretario

*Eduardo A. da Rocha Dias*

# ARCHITECTURA

## RAPIDO ESBOCETO

Da sua evolução desde as civilizações primitivas  
até ao fim do seculo XIX (\*)

Nada mais interessante para as especulações do espirito, nada mais nobre para o exercicio da intelligencia do que a viagem intellectual feita pelo passado fóra até aos confins da historia, seguindo o lucido rasto dos monumentos d'arte e actividade humana que esse mesmo passado disseminou por toda a parte onde o genio do homem, aguilhoado pela fatalidade do existir, teve de pôr em acção todas as faculdades e recursos com que a natureza o dotara, para poder cumprir o seu destino ou o seu castigo sobre a terra.

Logo no inicio da viagem se reconhece que o homem primitivo, entregue a si proprio no uso pleno da sua liberdade selvagem, sentindo excitar-se-lhe a dormente intelligencia pelo instincto da conservação, buscou apropriar-se, por previdente egoismo, de tudo o que naturalmente podesse proporcionar mais facil commodo e conforto á sua desprovida existencia.

---

(\*) *Diario de Noticias* de 29 e 30 de janeiro de 1901.

Perseguindo os animaes selvagens como elle, não só lhes roubava a vida apossando-se dos seus despojos, mas ainda, no mesmo intuito absorvente, lhes disputava a caverna onde encontrava o natural refugio e abrigo de um dia, bastante para a vida nomada que levava.

Movido pelo innato sentimento de selecção, na sua labutação errante, descobriu um d'esses abrigos naturaes mais confortavel do que os outros e mais aprasivelmente situado: — desde esse momento, resolveu o primeiro acto reflectidamente egoista da sua vida; installou-se, elegendo esse logar para habitação permanente.

Dos despojos resultantes do seu labor venatorio, constituiu elementos de commodidade e conforto com que guarneceu a rude habitação; e sentindo-se já preso a um ponto limitado da terra, sempre aguilhoado pelo desejo de novas acquisições, iniciou rudimentares industrias compatíveis com o desabrochar da inculta intelligencia, procurando por esta fôrma avolumar o seu thesouro de commodidades e valorisar o logar que escolhera.

Eleger o logar de habitação, corresponde na especie humana á escolha que as aves fazem do melhor tronco, do melhor macisso de selva, do mais poetico recanto para construir o ninho.

O ninho templo de amor traz consigo a idéa annexa e complementar da familia: — ligada pois á historia inicial da habitação humana se encontra a da evolução social.

A caverna, a rude habitação que a principio fôra propriedade absoluta de um, passou a ser o bem commum de uma familia; a selvatica residencia que primitivamente um só valorisára, foi mais tarde o receptaculo de uma cooperação de trabalho que a enriqueceu e melhorou.

\*  
\* \*

Perante o incomprehensivel dos phenomenos naturaes, o homem da civilisação primitiva sentiu-se inconscientemente abalado e a sua intelligencia embryonaria deslumbrou-se em face do que o avassalava.

Este despertar physico-psychico da sua individualidade levou-o á conclusão de que *alguma coisa* existia independente da sua vontade e inacessivel á sua apreciação, que o subjugava e opprimia.

Os elementos em lucta afiguraram-se-lhe, na imaginação infantil, entidades terriveis consubstanciadas n'uma força e n'um poder infinitos, e com o ingenuo intuito de os acalmar e predis-pôr em seu beneficio, tributou-lhes offerendas de tudo o que de mais precioso possuia, escolhendo logar apropriado para as depositar.

Estas idéas que exerceram os seus effeitos predominantes no individuo propagaram-se á familia e mais tarde á tribu, generalizando se por uma fórmula absorvente n'essas sociedades rudimentares, tornando-se o objectivo commum ou élo que entre si ligava os nucleos de familias, dando-lhes um principio de unidade social.

D'essa solidariedade supersticiosa nasceu a comunidade tributiva, originando-se por tacito accordo a necessidade de existir no ambito ou dominio circumscripto á tribu um logar reservado ás offerendas votivas de todos.

Constituindo esse logar por todos eleito, por assim dizer, o objectivo de um culto, os individuos da nascente sociedade incitados inconscientemente pelos inicios d'uma religião que começava a dominal-os, resolveram, n'uma cooperação espontanea, preservar-o resguardando o das intemperies a que ficaria exposto, edificando com os grosseiros materiaes e utensilios de que dispunham os rudimentos d'um *templo*.

A industria humana que no seu lento progredir substituiria á caverna natural a simples cabana tecida de troncos selvaticos, procurava na construcção do templo reunir mais garantias de resistencia, grandeza e duração, e com esse fim apropriou materiaes de mais difficil adaptação que a natureza lhe facultava, confeccionado-os de modo a crear no templo um edificio distincto dos outros, não só pela sua fórmula como tambem por determinado symbolismo decorativo revelador da progressiva expansão d'um sentimento innato d'arte.

Os progressos que a construcção do templo revelava, como consequencia d'uma cooperação social, transmittiam se á habitação privada ou civil, e por esta fórmula, provavelmente, se geraram e progrediram parallelamente estes dois typos da edificação humana, que pelos seculos fóra caracterisaram todas as sociedades e todas as civilizações: — o *edificio civil* e o *edificio religioso*.

A cooperação de esforços, vontades e aptidões, que por

sentimento commum *creara* o templo, manteve-se e reforçou-se quando, em consequencia da progressiva successão e dispersão das primitivas tribus, se organisaram as primeiras nacionalidades.

O sentimento absorvente de conquista, que em todas predominava, levou-as a uma previdente reciprocidade defensiva, cujo fim principal era garantir a segurança e integridade territorial.

Por esta fórma se ia radicando o sentimento de nacionalidade nos individuos d'esses primitivos nucleos sociaes, sentimento que os levava a cuidarem n'uma cooperação de providentes esforços, que puzesse a sua *patria* ao abrigo das investidas conquistadoras de estranhos.

D'esse sentimento e d'essa cooperação originou-se um *terceiro typo* de edificação, a *edificação militar*.

Vê-se pois, por este brevissimo esboceto, que na genesis dos tres typos fundamentaes de construcções, o da edificação militar ou defensiva foi provavelmente o terceiro ou ultimo que surgiu da evolução das sociedades humanas.

E' natural que, se o egoismo e o instinto de conservação da especie levou a humanidade a cercar-se dos necessarios confortos de habitabilidade, gerando-se a *habitação*, a sua tendencia innata para a idolatria, suscitada pelo incomprehensivel dos phenomenos naturaes, a impellisse á criação do *templo*; e sendo a familia e a religião os dois élos iniciaes da cadeia da evolução social, segue-se que o sentimento de amor commum tributado aos logares onde coexistiam a *habitação* e o *templo* se transformou n'um incitamento patriotico de inviolabilidade que era mister salvaguardar e manter: — d'ahi a necessidade de prevenção defensiva, cuja consequencia foi a *edificação militar*.

Creados esses tres typos de edificação, ficaram naturalmente sujeitos ao mesmo movimento evolutivo que fez progredir as sociedades e caracterisou as varias civilisações; e quando as artes, desabrochando como florente emanação civilisadora dos tempos, incidiram sobre elles, ligando-se n'um abraço esthetico á pratica tradicional da construcção, geráram essa *arte-ciencia*, essa rainha das artes que se chama: — *architectura*.

E desde então, os tres typos de construcção constituíram

verdadeiras syntheses que se classificam de : — *architectura civil*, *architectura religiosa* e *architectura militar*.

\*  
\* \*

Na lenta e progressiva evolução de seculos, os tres grupos de edificação receberam o cunho indelevel das varias civilisações que atravessaram, absorvendo em si todos os progressos, todas as conquistas, todo o ambiente d'arte que caracterisaram taes civilisações.

Seguindo especialmente os dois grupos *architectura civil* e *religiosa*, e sem nos demorarmos em enumerar as phases por que passaram no meio das tres grandes civilisações Egypcia, Grega e Romana, vejamos, em rapido bosquejo, como elles d'essas civilisações classicas chegaram até nós, na longa travessia de muitos seculos.

A habitação demotica ou vulgar, o palacio, o templo, receberam por assim dizer a sua suprema formula esthetica, no meio gratissimo das enormes prosperidades e grandezas da civilisação hellenica.

A civilisação romana, que pelas suas conquistas e desmembramento da Grecia recebera os beneficos effeitos de uma forte corrente d'arte, apropriou os typos de architectura, aperfeçoados na pujança da civilisação grega, e imprimindo lhes um cunho especial de grandezza e estabilidade, tornou-os typos modelares, padrões do classicismo esthetico.

As civilisações greco-romanas, na corrente artistica do mundo, representaram um papel excepcionalmente exhaustivo.

Tudo o que de belleza e grandiosidade póde produzir o genio humano foi realizado n'esse assombroso periodo da historia, em que o culto esthetico era o supremo culto, em que a belleza da fórma constituia como que uma religião avassaladora e dominante.

Desde então todas as nações do mundo civilizado ficaram enfeudadas, sob o ponto de vista artistico, ao predomínio classico greco-romano.

Caiu, desmembrando-se por sua vez, o grande imperio romano, mas sob as ruinas da decahida Roma ficaram archivadas

para a posteridade as formulas de suprema belleza, que mais tarde haviam de resurgir, exercendo novamente o seu predominio no mundo.

No obscuro periodo que medeia entre a queda do imperio romano e o *renascimento classico*, a civilisação de Bysancio exerceu um breve predominio artistico, pela formula hybrida da sua arte, bebida n'uns restos de tradição romana grega.

Essa formula, transportada para o occidente e ligando se aos despojos da tradição latina, produziu a architectura *Romanica*.

Estes ephemeros productos de uma civilisação incompleta e tumultuaria não tiveram na historia geral da arte influencia decisiva, servindo só de precusores a um verdadeiro *estyllo* ou formula que n'um assombroso progredir, n'um desenvolvimento anormal, avassalou todo o mundo medievo ao seu absorvente predominio esthetico, de tres seculos; foi o *estyllo* ou *arte ogival*.

Durante o periodo medieval, os tres grupos de architectura civil, religiosa e militar coexistiram por assim dizer unidos e cimentados, pelas necessidades politicas do tempo.

No mesmo burgo, a habitação senhorial, a habitação burgueza e o templo eram abraçados n'um elo protector pela mesma rede de muralhas, torres e reductos.

Esta orientação defensiva, que predominava no burgo, reflectia-se nos typos isolados de architectura, no castello senhorial e no templo; e as torres, ameias, seteiras, *machicoulis* e *moucharabis* que caracterisaram a edificação fortaleza, foram fundir-se ligadas pela arte de transição romano-ogival, no templo christão, imprimindo-lhe uma nota sacro-profana, digna de especial estudo.

Reinava no mundo, soberba de florescencia, a *arte ogival*, imprimindo o seu cunho gracioso e florido a toda a architectura do ultimo periodo medieval: — e quando um tal imperio parecia perpetuar-se como formula absoluta d'arte, o architecto florentino Brunelleschi empunha o estandarte da revolta, clamando n'uma terrivel propaganda demolidora contra o predominio da arte ogival, e propondo em seu lugar o resurgimento das maravilhosas fórmulas classicas, sepultadas sob as ruinas da velha e esquecida Roma.

No espaço de quasi dois seculos, a repercussão d'esse

vehemente protesto, d'essa proclamação revolucionaria, conseguiu abalar a inercia do mundo artistico, que se quedara subjugado pela graça e leveza dominante da ogiva.

Bramante, Falconetto, Buonaroti, Sansovino, Vignola, Palladio, Scamozzi e outros ariistas geniaes, acudindo ao chamamento de Brunelleschi, formáram a ála avançada da cohorte do classicismo, que, proclamando a morte da *arte ogival*, dictou as leis estheticas do *Renascimento*.

\*  
\* \*

Desde o seculo xv em que nos dominios da architectura se restabeleceram as formulas classicas, até ao final do seculo xix, nenhum estylo, nenhuma predominancia artistica se creou que possa com justiça contrapôr-se a essas extraordinarias escolas d'arte que a civilização greco-romana nos legou.

Os tres seculos depois do renascimento, que antecederam o xix, limitaram-se, ou a seguir servilmente os modelos classicos, ou então, quando actuados por tendencias innovadoras, a crear substylos inscriptos nas mesmas linhas modelares, e que apenas devem ser considerados, no meio da evolução artistica, como mais ou menos complexos accidentes decorativos: — o *plateresco* em Hespanha, o *Luíz XV* em França e o *Emanuelino* em Portugal, estão precisamente n'esse caso.

O seculo xix recebeu do seu antecessor um legado d'arte tumultuaria e decadente, que não soube restituir ao primitivo purismo; a sua acção reformadora, principalmente em architectura, revelou-se firmando-se n'um eclectismo extravagante, symptomatico d'uma decadencia profunda.

O *bom* que produziu e legou ao seculo actual foi ainda baseado na modelação classica original, ou na que o *renascimento* consubstanciou nos seus monumentos de architectura; por isso se pode concluir que nada deixou de perfeitamente definido como obra sua, que possa e deva ser considerado como *estylo* fundamental e novo.

E' certo que, pelo dominio do ferro applicado á construcção,

se manifestaram alguns curiosos typos de edificação que poderiam caracterisar um substylo de: *architectura industrial*; mas affectando esses typos mais novidade na sua contextura do que na exterioridade das suas linhas architectonicas, não pôdem constituir factores modelares de um estylo.

A America do Norte, no arrojo das suas iniciativas extravagantes, julgou que dotára o seculo XIX com um novo estylo de architectura, creando o typo da habitação de pavimentos multiplos, com que pouco a pouco foi estragando as suas bellissimas cidades; e na sua eterna preocupação de originalidade, quasi se convenceu que havia modelado um *estylo*, quando apenas creára quando muito um *typo* de construcção; é bom não confundir.

A Italia, na religiosa observancia dos seus modelos classicos de architectura, foi enobrecendo as suas cidades e os seus *campos santos* com verdadeiros monumentos d'arte, preferindo progredir lentamente subordinada a elles, no culto supremo de uma impeccavel esthetica, do que avançar tumultuariamente em busca do inedito, como em varias occasiões praticou a França.

A Inglaterra, conservadora e progressiva, soube com sobriedade manter a tradição classica na maioria dos seus edificios civis, e quando raramente se affastava d'essa tradição, inspirava-se no que fôra para ella um titulo de gloria artistica, a *arte tedesca*.

Foi incontestavelmente a Belgica, depois da Italia, o paiz que mais directamente se inspirou nos modelos do classicismo esthetico para a factura dos seus grandes edificios civis, e por esse motivo se pode com justiça ufanar de que foi no seculo XIX o paiz que mais puros e interessantes specimens de boa architectura produziu.

Se exceptuarmos os monumentos emergidos da tradição greco-romana e de alguns periodos da arte ogival, que ficaram pelo mundo attestando a perpetuidade de um estylo que será eternamente bello porque surgiu d'um meio excepcionalmente artistico e disciplinado, o mais que nos varios grupos de architectura se produziu foi banal e incaracteristico.

Onde a decadencia da architectura mais se accentuou foi no typo da habitação privada ou particular.

Os specimens da habitação nobre, mediana e popular, que

o seculo xviii soubera conservar e reproduzir, desapareceram abastardando-se, perdendo a simplicidade e nobreza das suas linhas, para serem substituidos nos meados do seculo findo pelos ignobeis e pretenciosos casebres, verdadeiros espantalhos architectonicos, com que o *eclectismo* se permittiu emburguezar as mais bellas e florentes cidades.

Os bellos typos do chalet suiso e do *cottage* inglez foram na segunda metade do seculo xix barbaramente importados por alguns paizes onde predominava a burguezia dinheirosa, e n'essa inadmissivel adaptação de typos extranhos, Portugal representou um *importante* papel.

A nobre casa solarenga, tão portugueza e confortavel, o solar apalaçado e a habitação mediana graciosamente alpendrada, cheia de leveza e conforto, desapareceram por completo, para cederem as suas alvenarias venerandas aos intrusos cuja nacionalisação será sempre incompleta, por impropria do nosso bello e améssimo clima.

Nos dominios da architectura privada, o *chalet* produziu uma verdadeira revolução dissolvente, caracterizando d'um modo picaresco uma epoca e um typo bastardo de habitação.

A monomania *chaletophila* não se limitou, no seu caminhar invasor, aos suburbios, aventurou-se até ao coração das cidades.

O proprio typo importado, abastardando se tambem, fez com que dentro de pouco tempo toda a bernardice architectonica que petulante e vergonhosamente se insinuou pelas povoações modernas, maculando-as no seu conjuncto esthetico, creasse o cognome de *chalet*.

E por esta fórmula, esse typo de habitação, originariamente bello, ficou entre nós adulterado, constituindo uma synthese miseranda de deploravel mau gosto.

Se o *chalet* tem largas culpas no cartorio no tocante á esthetica das povoações, não é ainda assim o unico réu do crime de lesa-arte perpetrado na maioria das construcções modernas ... tem cúmplices poderosos e terriveis nos municipios e outras collectividades dirigentes que vão feitas com elle, e com a transigencia dos architectos que muitas vezes, simples instrumentos dos dinheirosos proprietarios, deixam de fazer arte e boa architectura para perpetrarem *chalets*.

Mas . . . se a habitação moderna é má e incaracterística como facilmente se deprehende da esthetica das cidades modernas, qual o typo a contrapôr-se-lhê que possa e deva considerar-se como o mais acceitavel e completo?

Eis uma interrogação a que não é facil responder-se, sem que previamente se assentem determinados principios.

E' evidente que uma geração, uma epoca, um seculo, possuem uma habitação que é em regra constituida por todas as commodidades e confortos que na epoca antecedente foram julgadas boas e bastantes.

A esta parte tradicional acrescem, entre outras, as modificações posteriores impostas, ou pelo diverso modo de ser da vida social ou por qualquer *novo estylo* dominante; por esta razão o typo anterior liga-se aos periodos futuros mais ou menos modificado, mas levando sempre o cunho especial de origem que o nacionalisa e define e d'esta sorte o typo de habitação tradicional se modifica progressivamente, mas é sempre *nacional*.

Pelo exposto se deprehende, que tão absurdo será substituir *por completo* um typo de habitação anterior, por outro *inteiramente novo* e extranho, como seguir e conservar archeologicamente *tudo* o que de anterior elle represente.

\* \* \*

Vasto e interessantissimo é o assumpto e bem digno da applicação estudiosa dos que a elle se dedicam; mas não é, nos estreitos limites d'um folhetim, que póde ser devida e proficiente-mente tratado.

E se assim é, deixemos para outra oportunidade o voltarmos a elle, se entretanto melhores pennas e mais abalisados criterios não vierem sobre o magno assumpto proclamar a sua definitiva sentença.

E se o leitor nos acompanhou n'essa rapida mas fatigante viagem pelo passado da architectura, e se ainda por cima nos provar que nunca teve nem ha de ter um *chalet* . . . pode viver na certeza de que por tantas provas de benedictina paciencia, juizo e bondade o seu nome fará parte do *Flos Sanctorum* . . . do futuro.

## VARIAS NOTICIAS

O digno socio, sr. Manuel Joaquim de Campos offereceu para o nosso Museu uma collecção de pequenas cruces mui curiosa. São 5 em metal, 1 em madeira com applicações de metal, 5 em madeira com applicações de madreperola, e 1 em mosaico de Florença.

---

Entrou no Museu o modelo do viaducto, *ponte - arco*, que salvando a rua de S. Sebastião da Pedreira dá passagem á nova rua Fontes Pereira de Mello.

Este modelo é de gesso e madeira, na escala de 1:20, ou cinco centimetros por metro.

Vendo o modelo faz-se perfeita idéa da obra, já realisada, e que todos admiram pela sua perfeição, solidez, e fino acabamento. Creio que n'este genero é o primeiro trabalho que temos no paiz. A rua Fontes Pereira de Mello corta com obliquidade grande a rua inferior, que é em rampa muito accentuada.

O caso é um bom problema de construcção que foi muito bem resolvido, ficando a obra com um bello aspecto.

O modelo em gesso e madeira d'este viaducto foi delineado e executado pelo distincto conductor principal Henrique Sabino dos Santos; seu irmão monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, prior de Santa Engracia, e nosso digno consocio, offereceu-o á nossa Associação, prestando-nos assim serviço relevante. O modelo está installado na grande sala central, em sitio onde facilmente pode ser examinado em diversos sentidos.

O sr. Antonio Portugal de Faria, digno socio correspondente, tem publicado uma serie de estudos interessantissimos sobre as relações de Portugal com Italia. E' de uma boa vontade, e de uma actividade intelligente, que merecem o maior elogio. Ultimamente offereceu para o nosso Museu uma collecção de photogravuras reproduzindo retratos de portuguezes illustres conservados na Real Galleria dos Uffizi, em Florença.

Têm os seguintes nomes :

D. Magdalena de Oliveira

Cardeal D. Henrique

D. Sebastião

D. João IV.

Conde de Alegrete

Conde da Ericeira

Marquez de Fronteira

Francisco Barreto

Diniz de Mello e Castro

André de Albuquerque

Marquez de Marialva

Marquez de Tavora.

---

O nosso consocio, sr. Leite de Vasconcellos defendeu these na faculdade de letras na Sorbonne, em Paris, recebendo o grão de doutor, com *mention très honorable*. O sr. Leite de Vasconcellos partiu poucos dias depois para Munster (Allemanha), onde se demorou algum tempo estudando o *gotlico* com um especialista.

Visitou em seguida Amsterdam para estudar a colonia judaica, representante ainda agora dos antigos judeus portuguezes que para alli emigraram nos sec. 16 e 17.

---

No = Manuelinho de Evora = de 23 de julho, começou o intelligente e sabedor, sr. Antonio Francisco Barata, digno official da Bibliotheca Publica de Evora, e escriptor muito conhecido, a publicar o Catalogo do Museu de Evora.

Como prefacio ao catalogo o sr. Barata resume a historia da formação deste interessantissimo Museu, começado em 1802 pelo grande arcebispo Cenaculo, ampliado depois pelo dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, João Raphael de Lemos, e dr. Augusto Filippe Simões, que foram bibliothecarios da Bibliotheca d'Evora, pelo sr. dr. Camara Manuel, engenheiro, e nosso digno consocio, e ainda por Gabriel Pereira.

Um antigo e vasto celleiro foi ha tempos incorporado no edificio da bibliotheca e agora adaptado a sala de monumentos lapidares, pelo sr. Pereira Pinho, que com muito zelo tem dirigido a collocação das pedras. Muito se deve tambem ás diligencias do actual conservador da Bibliotheca o sr. dr. Queiroz Velloso.

Com as duas salas do pavimento terreo da Bibliotheca o Museu tem agora uma installação ampla, onde se encontra um conjuncto raro de monumentos para a historia patria, e para a arte.

A collecção lapidar romana é de primeira ordem entre nós ; tem inscripções christans dos primeiros seculos da nossa era, da epocha visigoda, e arabes de grande importancia. A collecção de inscripções portuguezas é muito vasta e comprehende monumentos nolaveis, como as campas dos Vimiosos, a de Beatriz de Portugal, etc. Está erguida a linda janella renascença chamada do *quarto da rainha*, e as elegantissimas pilastras que foram do refeitorio do extincto convento do Paraizo ; assim como o grande tumulo com seu ediculo, de D. Alvaro da Costa, personagem de grande elevação. O ediculo é tambem um primor de estylo renascimento.

O Museu eborense offerece agora um conjuncto de altissimo valor para a educação geral do publico, e para todos que se interessam em estudos de historia, e de arte.

# OS SINOS DA SÉ DE EVORA

Os sinos estão installados na torre sul, á direita da entrada. Na parte inferior da torre está uma escada larga que leva á vestiaria, depois a um patamar onde vem outro lanço que conduz ao côro, e ao terraço do claustro. Do mesmo patamar sobe outro pequeno lanço ao patamar da janella, e ahí vem a comunicação para o terraço da galilé, e pavimento da torre norte que corresponde ao orgão e ao triforium ou galeria. A' esquerda da janella está a comunicação para o relógio e subindo-se a escada de caracol chega-se ao grande terraço ou varanda da sé, e ao pavimento superior da torre em cujas ventanas estão os sinos.

Os sinos destinados aos signaes, dobres e repiques, estão numerados, e teem as seguintes invocações.

- 1 S. Pedro
- 2 Sr.º do Carmo
- 3 O Sino de Prima
- 4 Santa Barbara
- 5 Sr.ª da Conceição
- 6 S. João
- 7 Sr.ª do Anjo

Os dois ultimos são enormes.

Ha mais dois sinos, o do bispo D. Pedro, que é o sino das horas, e o da Cana-Verde, que tem o *Ecce-homo*, que é o dos quartos. Alguns d'estes sinos têm datas, inscripções, nomes de fundidores e relevos artisticos.

O da Sr.<sup>a</sup> do Anjo está assignado — *Matheus Ruiz me fecit.*

O de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição — *Faustino Alves Guerra me fes no anno de 1789.*

O sino de Santa Barbara é de 1821.

O de Prima é muito antigo, mesmo o feitio é differente, tem a linha do sino das horas, que é do tempo do bispo D Pedro.

O sino da Sr.<sup>a</sup> do Carmo — *Domingues da Costa, 1785.*

O de S. Pedro, 1805. Este sino estava na antiga egreja de S. Pedro, e foi levado para a Sé, quando a velha egreja, de ha muito sem culto, foi aproveitada para a installação da Escola Normal.

Os dois sinos, *o das horas e o de prima*, creio que não teem parceiros em Portugal. Dizem que o timbre, a qualidade da vibração se apura com o tempo: não sei se será assim, o que é certo é que o som d'estes sinos me fêre o ouvido de maneira especial. Ha sinos de sons valentes, asperos, irritantes, piégas, abeatados, impertinentes, violentos, ferozes; o das horas da Sé d'Evora tem uma solemnidade espiritual inconfundivel; tem uma voz doce e poderosa, com certa melancolia ao mesmo tempo; produz-me o effeito d'um psalmo. Só ouvi outro que se lhe parece, o de Westminster.

Fez-me impressão; naquelle grande terreiro, na feia manhã de Londres, no grande movimento silencioso, porque espesso tapete de neve cobria o solo, ouvi de subito um som vibrante e religioso que me lembrou logo o sino meu patricio; a vibração vinha da grande mole lavrada e rendilhada, da magestosa cathedral; era o sino de Westminster dando o signal do officio.

G. P.

# SOLAR DÓS PINHEIROS DE BARCELLOS

O antiquissimo e historico solar dos Pinheiros de Barcellos, igualmente conhecido pelo palacio do Barbadão, faz frente com a rua da Igreja e com a antiga rua do Terreiro, actualmente do duque de Bragança, ficando portanto a pequena distancia da Real Collegiada e do paço dos condes e duques de Barcellos.

Não obstante achar-se muito damnificado pela acção destruidora do tempo e tambem por diversas reconstrucções parciaes que tem soffrido, e em parte até em estado de completa ruina, este venerando solar, que bem merecia ser incluído no numero de nossos mais apreciaveis monumentos nacionaes, accusa ainda as formas primitivas, já nas suas janellas, algumas de primoroso trabalho artistico, já no seu pateo interior, incompleto mas de bom effeito, e já finalmente nas duas torres de tres andares que se erguem nos angulos norte e sul da fachada principal; e póde considerar-se um bem caracteristico representante da forma clasica da habitações senhoriaes de Portugal e do norte da Hespanha.

Contem este velho edificio algumas curiosidades, que, sendo muito interessantes, não devemos deixar de mencionar.

Assim, na cornija da torre que olha para o paço dos condes, vê-se uma figura de pedra, representando um homem com grandes barbas, na attitude de as querer arrancar com as mãos.

Alguns auctores dizem que esta figura significa o fundador d'esta casa enraivecido contra D. Affonso (1.º duque de Bragança) por não lhe conceder o altear mais as torres do seu palacio.

Outros auctores, porém, dizem que o Barbadão, como geralmente appellidam essa figura, representa o mesmo fundador, protestando contra um cavalleiro do paço dos condes, ou contra o proprio conde, por haver manchado a fé de uma sua filha, alludindo assim aos amores de el-rei D. João 1.º com uma senhora d'esta familia — D. Ignez Pires (ou Peres), a commendadeira de Santos — do que adiante fallaremos.

Na face sul da mesma torre e á altura da primeira janella, ha um escudo de pedra com quatro chaves suspensas de um torçal, e, contornando o escudo, em caracteres gothicos, a legenda seguinte :

Estas casas mandou fazer o Doutor  
Pedro Estêves no anno de 1228

Ainda na mesma torre, mas na face do poente, vê-se na cornija a mesma figura — o Barbadão — que se nota na face do sul; e um pouco abaixo e ao lado da janella superior, um braço d'armas constituido por um escudo dividido em pala, tendo na primeira um pinheiro junto de um leão rompente, que são as armas dos Pinheiros de Barcellos, e na segunda, que é dividida em duas partes, na metade superior quatro chaves suspensas de um torçal, e na inferior cinco lobos em santor, que são as armas dos Lobos. E, em volta do escudo, o letreiro seguinte :

Estas armas são de Alvaro Pinheiro Lobo

Um pouco inferior ao braço de Alvaro Pinheiro, ha uma figura de mulher, resahindo notavelmente da parede.

Parece usar habitos monachaes e tem as mãos em attitude de orar.

Parece ser uma allusão á celebre commendadeira de Santos.

Das legendas atraz descriptas, vê-se claramente que este solar foi começado pelo Dr. Pedro Esteves em 1448, e as duas torres mandadas fazer por seu filho Alvaro Pires Pinheiro Lobo, 1.º administrador do morgado de Pouve e alcaide - mór de Barcellos.

Em quanto ao escudo existente na face sul d'esta torre, parece que não se trata de um brazão d'armas, embora muitos antiquarios assim o tenham considerado, provindo talvez d'ahi o erro de se haver dado ao fundador d'esta casa os appellidos de Chaves e Cogominho, que absolutamente lhe não pertencem, pois não consta que nenhuma familia portugueza tenha por divisa heraldica as quatro chaves suspensas de um torçal.

As chaves apparecem, é certo, nos brazões das familias Fagundes, Chaves e Cogominhos; mas n'estas são em numero de cinco e postas em santor, e não quatro e suspensas de um torçal como no escudo da casa dos Pinheiros. Além de que, nos ascendentes d'esta familia, nenhuma alliança houve, que conste, com pessoas d'esses appellidos, que justifique um tal brazão.

O verdadeiro escudo d'armas d'estes Pinheiros é o que se vê no seu jazigo na Collegiada de Barcellos, e que é assim composto: um escudo espartellado; no primeiro quartel as armas dos Pinheiros, que são em campo vermelho um pinheiro de sua côr com pinhas de oiro e raizes de prata tendo ao lado um leão de oiro rompente; no segundo quartel as armas dos Almadás que são em campo vermelho cinco flores de liz de oiro postas em santor; no terceiro quartel as armas dos Pereiras, que são em campo vermelho uma cruz floreteada de prata, e no quarto quartel as armas dos Lobos, que são em campo de prata cinco lobos de negro postos em santor.

Este jazigo foi mandado fazer por Alvaro Pinheiro Lobo de Lacerda, que foi 3.º administrador do morgado de Pouve e falleceu em 1562.

Tem o letreiro seguinte:

SEPVLTURA DE ALVARO PINHEIRO, CAPITÃO DESTA VILLA  
E SEUS ASCENDENTES E DESCENDENTES

Foi fundador d'esta casa o Dr. Pedro Esteves, que nasceu em Barcellos pouco mais ou menos em 1405. Tendo sido criado no paço dos 9.<sup>os</sup> condes de Barcellos, foi muito novo ainda para a Universidade de Salamanca, e ahi se doutorou em direito civil e canonico em 1425, tendo apenas 20 annos de idade.

Concluidos os seus estudos, voltou para o reino, e foi feito cavalleiro da casa de el-rei D. João 1.<sup>o</sup>, e, mais tarde, no anno de 1433, coudel-mór da comarca de Guimarães.

Passou depois ao serviço dos condes de Barcellos, então já elevados a duques de Bragança, e entre outros cargos importantes que exerceu, teve o de ouvidor das terras dos mesmos duques, por carta passada em Guimarães aos 21 de abril de 1441. Foi o Dr. Pedro Esteves um varão dotado de muito entendimento, summa prudencia e bom conselho, pelo que captou os affectos de todos os principes do seu tempo, nomeadamente dos duques de Bragança, de quem recebeu, pelos muitos e bons serviços que lhes prestou, as maiores distincções.

Segundo a opinião dos mais doutos genealogicos, o Dr. Pedro Esteves procedia da nobre e muito antiga familia dos Aldanas, e foi filho de Estevão Annes de Penella, ou Esteveannes Borboleta, como tambem lhe chamaram, natural de Barcellos, o qual era filho de João Esteves, escudeiro do condestavel e de sua mulher D. Maria Rodrigues, que foi dama da infanta D. Beatriz, neto paterno de Pero Esteves, escudeiro do mesmo condestavel e de sua mulher D. Aldonça Alves, e materno de Affonso Chamorro, cavalleiro do condestavel e de sua mulher D. Leonor Rodrigues.

Estevão Annes que foi casado com D. Gracia Martins, a qual foi ama de D. Fernando — 2.<sup>o</sup> duque de Bragança, filho de D. Affonso, 9.<sup>o</sup> conde de Barcellos e 1.<sup>o</sup> duque de Bragança, era primo em 3.<sup>o</sup> grau de Pedro Esteves, alcaide-mór de Portel e commendador de Santos, na ordem de S. Thiago, que muitos nobiliarios confundem com o Dr. Pedro Esteves, chefe dos Pinheiros de Barcellos. E foi sua filha a celebre D. Ignez Pires (ou Peres) commendadeira de Santos, de quem el-rei D. João 1.<sup>o</sup> teve o infante D. Affonso, 9.<sup>o</sup> conde de Barcellos e 1.<sup>o</sup> duque de Bragança que casou com D. Brites Pereira de Alvim, filha herdeira do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o maior donatario que havia no reino.

A proposito d'estes amores de D. João 1.º, conta-se que disputando el-rei D. Ferrando de Portugal a corôa a Henrique 2.º de Castella, por tal motivo lhe declarára guerra em 1369, depois de ter conseguido alliar-se com o rei de Aragão e com o mouro de Granada.

Dr. Pedro Esteves foi obrigado a partir na hoste dos cavalleiros de Aviz, de que el rei D. João era chefe; mas este, em logar de acudir ao serviço de seu irmão D. Fernando, deixou-se ficar em Veiros e, auxiliado pelo seu velho aio Fernão Martins, raptou Ignez Pires, levando-a para o castello de Aviz.

O pae de D. Ignez teve por este facto tamanho desgosto, sentiu-se tão profundamente deshonorado, que não mais quiz ver sua filha, nem tornou tambem a fazer a barba, pelo que lhe ficou a alcunha de Barbadão, o que o malsinante chronista Damião de Goes adulterou no seu nobiliario, dizendo que o pae de D. Ignez Pires, se chamava Mem da Guarda, e ser judeu hespanhol converso, estabelecido na cidade da Guarda, onde exerceu alguns annos a sua profissão de sapateiro.

Estevam Annes de Penella, a quem o condestavel D. Nuno Alvares Pereira pelos muitos serviços que d'elle recebeu, lhe fez mercê do reguengo de Alviella em 10 de maio de 1416, teve de sua mulher D. Gracia Martins, além do Dr. Pedro Esteves, mais dois filhos, que foram:

- (a) João Esteves, almoxarife e juiz dos direitos reaes de Guimarães e seu termo, por mercê do 1.º duque de Bragança, de quem foi muito estimado. Casou com D. Catharina Pires, de quem não teve filhos, e achando-se muito doente em Barcellos, fez testamento no 1.º de dezembro de 1453, pelo qual vinculou todos os seus bens em morgado com a designação de morgado de Pouve, cuja administração deixou a seu sobrinho Alvaro Pires Pinheiro Lobo, filho de seu irmão Dr. Pedro Esteves. Jaz na igreja de N. Sr.ª do Abbade de Vermoin, do antigo termo de Barcellos.
- (b) Braz Esteves, conego e thesoureiro mór da collegiada de Guimarães, fallecido em 1459. Foi seu herdeiro o Dr. Pedro Esteves. Casou o Dr. Pedro Esteves com D. Isabel Pinheiro, filha de Martim Gomes Lobo, dos Lobos de Alvito, repre-

sentados hoje pelos marquezes de Alvito, e de sua mulher D. Mayor Esteves Pinheiro, dos Pinheiros senhores da casa e torre de Outiz, na freguezia do mesmo nome, do antigo termo de Barcellos.

Falleceu em 1469, e jaz com sua esposa na capella dos Pinheiros, por elle instituida na collegiada de Guimarães. Foram seus filhos :

- (a) Alvaro Pires Pinheiro Lobo, que succedeu na grande casa de seus paes e foi o 1.º administrador do morgado de Pouve, alcaide-mór de Barcellos, e Fidalgo da Casa de Bragança. Casou com D. Isabel de Lacerda, dama da duqueza de Bragança, e jaz na collegiada de Barcellos, em tumulo privativo de sua familia.
- (b) João Pinheiro Lobo, doutor em direito e theologia e deão da capella real por mercê de el-rei D. Manuel.
- (c) D. Diogo Pinheiro, 35.º D. Prior da collegiada de Guimarães, commendatario dos mosteiros de Carvoeiro, de S. Simão da Junqueira e do Castro de Avelãs, instituidor de um morgado que aggregou ao que seus paes instituiram na collegiada de Guimarães, conselheiro d'Estado e Desembargador do Paço, prelado de Thomar como vigario do mestre da ordem de Christo e 1.º Bispo do Funchal em 1514. Foi D. Diogo Pinheiro auctor do «Manifesto» em que se mostra a innocencia do duque de Bragança D. Fernando 2.º, degolado em Evora em 22 de julho de 1483. Além d'este manifesto, protestou, tambem, na sala do senado e diante de el rei D. João 2.º, contra a infamia de tal condemnção. Este venerando prelado dotado de alta sabedoria, discrição e qualidades que lhe eram tam peculiares ao seu nobre character, falleceu em julho de 1525 e jaz em Thomar no meio da parede da capella mór da igreja matriz de St.ª Maria dos Oliveaes, do lado do Evangelho, e a pouco mais de um metro de altura do pavimento, em um magnifico mausoleu todo de pedra, que é um bello specimen da arte em puro estylo de renascença, vendo-se n'elle esculpido o escudo das armas de que usava, que é um pinheiro com um leão ao pé, tendo por timbre um chapéu com cordões,

como é de uso aos ecclesiasticos e em volta do escudo a seguinte legenda : *Herculea Quondam Data Fuere Manu.*

- (d) D. Maria Pinheiro, casada com Pedro de Souza de Seabra, alcaide-mór de Bragança e da villa do Outeiro, senhor de Paiva e de Baltar, e meirinho-mór das terras dos duques de Bragança, de cujo consorcio procedem os condes da Castanheira, do Vimieiro, da Atalaya, marqueses de Cascaes e outras casas nobres e titulares.
- (e) D. Brites Pinheiro, dama da infanta D. Beatriz e casada com Pedro Vaz da Veiga.
- (f) D. Isabel (ou Luiza) Pinheiro, casada com Gomes Martins Ferreira, senhor da nobre casa de Cavalleiros, no antigo termo de Barcellos.
- (g) D. Catharina Pinheiro, casada com Alvaro Annes de Cernache, senhor de Gaya.

Pelo que fica descripto se vê que foi muito distincta esta familia, não só pelas suas illustres allianças com as mais nobres familias do reino como pelos cargos elevados que teve, o que tudo se achã mencionado em um pleito que teve esta Casa e consta de documentos authenticos extrahidos da Torre do Tombo, de onde se vê que o condestavel D. Nuno Alvares Pereira em sua correspondencia para Estevão Annes lhe dava o tratamento de « honrado amigo », e em uma doação passada em Guimarães aos 10 de janeiro de 1432, pelo duque D. Affonso, conde de Barcellos a favor de João Esteves, lhe dava a este o tratamento de « filho do honrado Estevão Annes ».

Esta illustre casa dos Pinheiros andou sempre nos descendentes legitimos do Dr. Pedro Esteves, até que, fallecendo solteira e sem filhos sua 6.ª neta, D. Anna Pinheiro de Lacerda, introduziu-se na posse illegal d'ella seu irmão bastardo Luiz Pinheiro de Lacerda, abbade de Christello, que a possuiu em quanto vivo foi, não obstante essa posse ser-lhe contestada por Pedro Lopes de Azevedo, senhor da casa solar de Azevedo, tambem 6.º neto do referido Dr. Pedro Esteves, por sua 2.ª avó D. Leonor da Silva Vasconcellos. Depois de um importante e longo pleito que durou 29 annos, passou toda a casa vincular dos Pinheiros para os senhores de Azevedo por sentença final proferida na Mesa do

Desembargo do Paço em 4 de julho de 1741, onde se conservou até ao fallecimento do 1.º conde de Azevedo, que, não tendo filhos, a deixou por disposição testamentaria, a sua sobrinha a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Julia Falcão de Bourbon e Menezes, da nobre casa dos Falcões, de Braga, casada com o distincto e muito illustrado cavalheiro Ex.<sup>mo</sup> Sr. José de Azevedo e Menezes, Moço Fidalgo com exercicio no Paço, por successão a seus maiores, senhor da illustre casa do Vinhal, em Famalicão, e actual representante dos Pinheiros de Barcellos; que por varias vezes tem sido presidente da Camara de Villa Nova de Famalicão, provedor da Santa Casa da Misericordia da mesma villa, onde tem sido presidente da Conferencia de S. Vicente de Paula, havendo sido um dos fundadores do jornal « A Palavra », assiduo collaborador de varios jornaes, e occupado alguns cargos importantes como 1.º substituto de juiz de Direito, e o de administrador do concelho.

Porto — janeiro — 1902.

*José Augusto Carneiro.*

3

Notícias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno»  
de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 2, t. ix, pag. 43)

**Marvilla** — t. de Lisboa — Palacio patriarchal (*Arch. Pittor.*, vii, 221).

**Mascarenhas** — freg., conc. de Mirandella. — Em 1716 havia no *monte do Viso* uma capella de *N. Sr.ª do Viso*, cercada de muros e barbacãs, a modo de fortaleza.

**Matta de Lobos** — freg., conc. de Figueira de Castello Rodrigo. — Padrão com inscripção, no caminho para *Nave Redonda*.

**Mattosinhos** — freg., conc. de Bouças. — Ruinas, pedrarias e torreões do *palacio de Caio Carpio*. — Sanctuario do Senhor de Mattosinhos. Na capella mór, do lado do Evangelho, vê se o tumulo do bispo do Porto, D. Geraldo Domingues; tem epitaphio — Monumento a Manuel da Silva Passos. — Monumento do *Senhor do Padrão*: zimbório, de quatro arcos abertos, tendo como remate uma elevada abobada, gnarnecida de oito pyramides terminando por uma cruz. Pela parte de dentro das columnas estão os quatro Evangelistas. — Junto do *Padrão*, uma fonte fechada que tem várias inscripções latinas. — *O Minho Pittoresco*, t. ii, 656; *Relat. acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Historia da prodigiosa imagem de Christo crucificado, que com o titulo de Bom Jesus de Bouças se venera no lugar de Matozinhos* por Antonio Cerqueira Pinto (Lisboa, 1737); *Egreja do Senhor de Mathozinhos (Occidente*, vol. viii, pag. 107); *Atravez do passado* pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 41; *Occid.*, viii, pag. 112; *Portugalia*, t. i, fase. 2.º pag. 265; *O Seculo* n.º 5529; *Mata da Europa*, v, n.ºs 176, 177, 187; *Monographia do concelho de Bouças* pelo sr. F. Fernando Godinho de Faria.

**Mealhada** — villa e concelho. — Em 1836 achou-se, a pouca distancia da villa, um cippo da via militar romana, com 2,º 04 de alto e 1,º 40 de circumferencia; tem uma inscripção incompleta; era um marco milliaro. — *O Districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes; *Historia do mosteiro da Vaccariça e da cerca do Bussaco* pelo sr. Antonio A. da Costa Simões; *Mem. hist. chorogr. des div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco.

- Medo** — aldeia, conc. de Caminha. — Na varzea chamada *Veiga de Sapôr* ha um dolmen e muitos *carus precelticos*.
- Medobriga** (Vid. **Aramenha**, **Marvão** (villa), **Marvão** (serra) e **S. Thiago do Cacem**) — Encontraram-se nas ruinas da velha *Medobriga* 14 medalhas de prata, romanas, quando se construiu a nova estrada para Hespanha.
- Melgaço** — villa, dist. de Vianna. — *As aguas de Melgaço*. Not. hist. e pratica (Valença, 1896); *A handbook for travellers in Portugal*; *O Minho Pittoresco*, t. I, 3; *Itiner. de Lisboa a Vianna do Minho* por Seb. J. Pedroso; *Indice parlamentar* pelo sr. A. Tavares de Albuquerque, pag. 100.
- Mellides** — freg., conc. de S. Thiago do Cacem. — Restos de um dolmen, dois kilom. ao NE. da povoação. — *A Terra Portug.* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 171.
- Melres** — villa, conc. de Gondomar. — Galerias de minas metallicas exploradas pelos antigos lusitanos e pelos mouros. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 614.
- Melriço** — ribeiro, prox. de Castello de Vide. — Dolmen incompleto, junto d'este ribeiro.
- Mertola** — villa e concelho. — Castello edificado pelos cavalleiros de S. Thiago. — Na povoação e suas immediações teem-se encontrado estatuas, vasos, columnas, cippos, e outros objectos antiquissimos — Vestigios de uma ponte romana sobre o Guadiana. — *Archivo Historico*, vol. II; *As cidades e villas* por Vilhena Barbosa; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hubner; *Inscrição christã descoberta em Mertola* por Borges de Figueiredo (*Revista Archeologica*, t. I, n.º 4, t. II, n.º 5); *Inscrição arabe* pelo sr. J. da Silva (*Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, 1876, pag. 174 e 192, 1877, pag. 58); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 179); *Memorias das antiguidades de Mertola* observadas em 1877 e relatadas por S. M. Estacio da Veiga (Lisboa, 1880); *Archeologo Portuguez*, t. I, n.º 1, pag. 7, n.º 7, pag. 177; II, n.ºs 8 a 12; III, pag. 289, n.º 7; *Inscrip. Hisp. Latin.* pelo sr. dr. Hubner, vol. II, 5, 788, supp. 1028; *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por Haupt, 2.º vol.; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. L. de Vasconcellos, t. I; *Hist. de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed., vol. I, pag. 533, vol. II, pag. 569, vol. III, pag. 633; *A handbook for travellers in Portugal*; *Travels in Portugal* por John Latouche; *O Seculo* n.º 7021; *Indice parlamentar* pelo sr. A. Tavares de Albuquerque, pag. 108.
- Mesão Frio** — villa e concelho. — *Memoria historico-economica do concelho de Mesão Frio* por A. Maria de Fornellos (Coimbra, 1886); *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. L. de Vasconcellos, t. I, pag. 15.

**Mexilhoeira Grande** — freg., conc. de Villa Nova de Portimão. — Ruínas de edificios antiquísimos, em repartimentos semeilhando cellas, no sitio da *Mesquita*, prox. das *Fountainhas*. — *Antiquidades monum. do Algarve* por Estacio da Veiga.

**Midões** — villa, conc. de Tábua. — Nas paredes lateraes da capella de S. Sebastião, da proxima villa do *Canto de Midões*, estão duas lapidas romanas com inscripções. — Na parede de uma casa em *Valle de França* vê-se tambem o principio d'uma inscripção romana em uma pedra quadrangular. — Na faldá NO. da serra, prox. da *Pocóa*, teem apparecido cippos com inscripções, e outras antiguidades. — *Mem. hist. chorogr. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra* pelo dr. Henriques Secco; *Corpus — Inscip. Hist. Latin*, vol. II, pag. 43; *Novo Alm. de Lemb. Luso-Brasileiro*, 1814, pag. 190; *Indice parlam.* pelo sr. A. Tavares de Albuquerque, pag. 100.

**Miguel de Colmeias (S)** — freg., conc. de Leiria — Habitação dos Templarios, o que se prova por varios marcos em que se vê a cruz da ordem, pelo arco ogival da porta da capella, etc. — Inscripção em latim no frontispicio do cemiterio parochial.

**Miguel de Machede (S.)** — freg., conc. de Evora. — Antas dos arredores de Machêde (*O Archeol. Portug.*, vol. II); *Introdução á archeologia da peninsula iberica* por Augusto Philippe Simões.

**Milagres** — freg., conc. de Leiria. — Azulejos da capella mór da igreja matriz com uma extensa descripção d'esta freguezia.

**Milheirós da Maia.** — freg., conc. da Maia. — Inscripções em latim no frontispicio e nas trazeiras da torre. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 633; *Descripção topographica e historica da freguezia de S. Thiago de Milheirós*, publ. em 1868 pelo rev. João Vieira Neves Castro da Cruz.

**Milreu** — logar prox. de Estoi, conc. de Faro. — Templo romano; bellos mosaicos. — N'uma excavação feita em 1835 encontrou-se uma sepultura de marmore com duas amphoras dentro. — Vestigios de um aqueducto e de outros edificios romanos. Veja-se **Estoi**.

**Minde** — freg., conc. de Porto de Mós. — A' entrada d'esta povoação eatá um monumento de pedra, que foi sepultura de um *D. David* (?). — Paredes da igreja matriz cobertas de azulejos. — *Tumulo de Got Mindinho* (?), descoberto ha poucos annos junto da praça. — Ao pé da planicie chamada *Mindinho*, as quatro *Lapas do Mindinho*. — Prox. da caverna do *Regatinho* encontraram-se alicerces de uns *paços mouriscos*; e no sitio da *Picóta* as ruínas de um castello romano, com tres ordens de muralhas. — Teem apparecido por aqui algumas moedas antiquísimas, romanas ou arabes (?).

**Mindello** — praia, freg. de Villa do Conde. — Padrão commemo-  
rativo do desembarque do exercito libertador no dia 8 de julho  
de 1832: foi mandado erigir pelo fallecido estadista Antonio  
José d'Avila (Duque d'Avila e de Bolama), quando estava  
governando o districto do Porto. Contestação de Pinho Leal sobre  
o logar d'este desembarque. — *Monumento de Arnosa de Pampe-  
lido (Occidente, XII, pag. 51)*; Dos nivelamentos de precisão e  
da sua superficie de referencia pelo sr. Conde d'Avila (Mem.  
publ. no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 14.ª*  
série, n.º 3, pag. 242, nota.); *O Minho Pittoresco, t. II, pag.*  
291; *Arch. Pitt. VII*; *Mem. dos vinte annos* pelo sr. Visconde  
de Castilho, pag. 438.

**Minhoto** ou **Monte** — **Minhoto** — serra, freg. de Sernache do  
Bomjardim, conc. da Certã. — Junto da capella de *N. Sr.ª da*  
*Estrella* edif. sobre um dos rochedos d'este monte, ruinas de  
edificios antiquissimos e de um hospicio fortificado, dos tem-  
plarios.

**Miomães** ou **Miumães** — freg. conc. de Rezende. — Ruinas de  
um castello, chamado de S. João, em cujo recinto ha uma anta  
celtica, das maiores que existem no reino, e uma galeria sub-  
terranea por onde os mouros passavam ao rio Douro (?).

**Mira** — freg., conc. de Porto de Mós. — Inscricção em portuguez  
no frontispicio da egreja parochial. — *A Terra Portuguesa*, pelo  
sr. Rocha Peixoto, pag. 171; *Habitacção (Portugalia - 1.º fasc.)*

**Miranda do Corvo** ou de **Podentes** — villa e concelho —  
Vestigios de um castello romano (?) e uma cisterna no alto do  
*Calvario* — *Mem. hist. chorog. dos div. conc. do dist. adm. de*  
*Coimbra* pelo dr. Henriques Secco.

**Miranda do Douro** — villa e concelho — *Antiquidades de Trás*  
*os Montes* pelo rev. abbade de Miragaia o sr. dr. Pedro Augusto  
Ferreira na *Vida Moderna, n.º 22*, fevereiro de 1893; *Aponta-  
mentos de Geologia Agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 172;  
*Arch. Pittor., v e vi*; *Die Bankunst der Renaissance in Portugal*  
por Haupt, 2.º vol.; *A handbook for travellers in Portugal*; *Hist.*  
*de Port.* de Pinh. Chagas, 3.ª ed. vol. II, pag. 13, 37; *Archeol.*  
*Portug.* III, pag. 212; *Hist. do rein. de el-rei D. José* por S. Luz  
Soriano, 1.º vol.

(Continua)